

Saber ler pode mudar destinos?

No filme *Entre os muros da escola*, os alunos tampouco se intimidam diante do poder legitimado. Dessacralizando a estrutura escolar, eles denunciam incoerências éticas e ridicularizam práticas pedagógicas desconectas da vida.

Se a denúncia da distância crescente entre escola e vida não é nova, sua problematização já extrapola espaços pedagógicos, invadindo páginas de romances, chegando às telas dos cinemas, convidando a sociedade à reflexão. Tais questões perpassam, inclusive, três filmes recentemente premiados, roteirizados a partir de livros: *O leitor*; *Quem quer ser um milionário?* e *Entre os muros da escola* (*A turma*, em Portugal). No primeiro, livros e escola se mesclam ao prazer de ler/possuir em que Michel e Hanna trocam entre si o que lhes falta; no segundo, a leitura na escola aparece em rápida cena em contraponto com impactantes experiências e leituras de mundo; no terceiro, conflitos interculturais entre professores e adolescentes marcam uma escola da periferia de Paris.

Em *O leitor*, o nó do conflito recai no sentimento de suprema vergonha – culpa? – por não saber ler. Se Hanna soubesse ler, poderia aceitar a promoção que lhe fora acenada, em vez de fugir. Se não abandonasse o emprego, talvez não se sujeitasse a servir aos nazistas. Se não agisse condicionada a cumprir com seriedade suas tarefas – fosse o controle de bilhetes de trem ou a guarda de prisioneiras, talvez a sensibilidade reservada a ouvir leitores evocasse outra atitude diante da vida e do holocausto das prisioneiras. Vítima do analfabetismo, assume a culpa pelo relatório que não escreveu para não se assumir analfabeta. Condenada, consegue inventar na prisão um método de se alfabetizar, associando textos escritos a textos gravados e enviados por Michel. Cumprida a sentença, restou-lhe o vazio: como viver sem esperança?

Em *Quem quer ser um milionário?* os irmãos Jamal e Salim são lançados juntamente com Latika no olho da turbulência, vivendo emergências tão impactantes que exigiam deles sobre-ser-viver para escapar à morte. O trio compartilha experiências reelaboradas de modo diverso da linearidade de causa e efeito. Como fracos que são, espreitam o terreno para responder do seu modo às circunstâncias que os subalternizam, recorrendo a camuflagens, astúcias e dribles. Acrescente-se ainda o espírito determinado de Jamal que se orgulhava de saber ler. Tivesse aprendido também a lição de subalternidade na escola, conseguiria enfrentar os desafios?

No filme *Entre os muros da escola*, os alunos tampouco se intimidam diante do poder legitimado. Dessacralizando a estrutura escolar, eles denunciam incoerências éticas e ridicularizam práticas pedagógicas desconectas da vida. Os professores deploram o desinteresse dos alunos pelo saber escolar, sem investigar o que fazem, o que desejam, o que sabem e que desafios enfrentam? No cenário de confronto, excessos e conflitos. Mas a cena final, em que o professor Bégaudeau, ator e autor do livro, joga com alunos, instiga à reflexão: é possível uma outra escola, capaz de emancipar colonizados e colonizadores, descolonizando-os?

Fora dos livros e das telas, acompanhei um estudo longitudinal de caso em que o analfabetismo funcional começou a ser superado, quando a jovem gravemente enferma foi hospitalizada e se realfabetizou através de livros de literatura infantil. Recuperada, voltou à escola e concluiu o 1º e o 2º graus. Como continuasse trabalhando como empregada doméstica, perguntei-lhe: - *Então, o que mudou em sua vida?* – *Tudo, porque eu mudei por dentro. Antes eu achava que eu era ninguém. Tinha vergonha de mim. Hoje, sei dos meus direitos e vou atrás dos meus sonhos.* Nos anos que se seguiram, conseguiu abrir uma caderneta de poupança, comprar um terreno, construir uma casa, manter correspondência com o namorado italiano e regularizar o visto de permanência dele no Brasil. Já casada, com passagem marcada para uma 2ª. viagem à Europa, ainda sonha formar uma cooperativa para vender trabalhos manuais na Itália.

Diante das quatro breves sínteses, cabe indagar: na arte como na vida a leitura pode mudar destinos?

Edwiges Zaccur